

DAS OBRAS MARGINAIS ÀS OBRAS LITERÁRIAS: RESGATAR / FORMAR O LEITOR

Gislaine Becker¹

1 Educação

Se pegarmos os verbos, bem sabemos que todos nos levam a uma ação, da mesma forma que alguns da primeira e segunda conjugações remetem-nos para a idéia de realizações como: pensar, ensinar, caminhar, ler, sonhar e fazer. Mas ensinar, pensar, ler, sonhar para quê? Caminhar para onde? Fazer quando? Talvez, as locuções adverbiais de modo, lugar e tempo nos digam para que, onde, quando e como. Métodos de um aprender cercado de explicações científicas, mas que esquecem o significado dos valores simples da vida.

À lembrança da explicação gramatical somada à lembrança socrática leva-nos a refletir sobre o ato de ensinar. Educação vem do latim *educare* e *educere*, o primeiro conduz o indivíduo de um ponto ao outro; o segundo tira para fora as habilidades desses indivíduos. Logo, E-ducação é o ato de inserir o sujeito ao mundo com suas habilidades, conceito este explicado tão bem na maiêutica de Sócrates e retratado por Platão no diálogo de Mênon.

Quiçá, o entendimento à complexidade da Educação esteja na simplicidade do verbo amar. Mas falar de amor parece algo fora de qualquer contexto, quando tal fato é mencionado as pessoas se olham, se “cutucam”, comentam como se isso fosse um fato distante e isolado da inerência do homem.

A Pedagogia do Amor é tão complexa que somente pode ser descrita e entendida na simplicidade do próprio ato de ensinar de forma apaixonada. Paulo Freire dizia que os olhos dos professores apaixonados brilham quando diante de uma explicação percebem no sorriso do aluno que ele entendeu o que o próprio professor não esperava explicar, e que escola é gente, o diretor é gente, o professor é gente, o aluno é gente, a faxineira é gente, somos gente, e nada mais natural que amar a toda a gente. A Educação somente fará sentido se a docência respeitar ao discente, tornando o ato de educar, um ato decente.

¹ Universidade Nova de Lisboa (UNL)

Os valores sociais mudaram e com isto nossa forma de educar e encaminhar parece ter tomado o rumo complicado da vida.

Chegamos a um ponto que o verbo *E-DUCAR* virou um verbo de consumo, mas não consumo de trocas de saberes, de encaminhamentos e sim mercantilista.

Sistema Educativo

A atual funcionabilidade do sistema educacional tornou-se um problema para a formação do indivíduo, na qual o ensino emergente e profissionalizante busca atender o mercado de trabalho, com objetivos imediatos e robotizados, fazendo com que homens esqueçam os valores fundamentais para sua vivência.

Em outro momento, poderíamos pensar que a demanda mercantilista de alunos-profissionais está atendendo suas próprias necessidades, mas até que ponto uma determinada profissão dá liberdade ao homem, em que eixo está a ligação da profissão que cada um adota e o que cada um, realmente, é? E de que liberdade estamos falando? Será que a liberdade profissionalizante faz parte da autonomia de cada um ou ainda, será que esta autonomia é um fragmento das necessidades sociais consumistas (LIPOVETSKY, 2009.) e que retrata a falta de preparo para a vida, ou será que o encaminhamento para a vida não é ponto de reflexão dentro da Educação?

Conforme Beck(2000), estamos situados em uma era de (des) construção. Uma era muito pobre, onde só há lugar para uma filosofia utilitária e consumista, na qual a ameaçadora uniformidade de pensamento e ações tomou conta. A idéia desenfreada da oferta capitalista do século XIX parece (res) surgir com força total e novidades parecem correr o tempo, contrapondo-se ao percurso natural e da existência. Todavia, Edgar Morin(2003) adverte-nos que nossa missão não é mais de ganhar o mundo, mas civilizá-lo.

2 Literatura

Dentro desse quadro desequilibrado e desmotivador está o professor de literatura que entre muitos sentidos, sente-se, no mínimo, encurralado, pois como bem lembra Castro (2010), a literatura, a arte dentro desta conjuntura social e conseqüentemente do sistema educacional perderam o seu lugar, tornando-se cada dia mais difícil a tarefa de promover a educação humanista em nossos alunos, provocando uma grande lacuna entre os valores, os sonhos e realizações por meio da arte. Da mesma forma que idéias humanistas encontram dificuldades porque a atual estruturação da educação está

moldada em valores emergentes, mas que em contrapartida abre-nos um campo analítico e porque não dizer dialético da forma de repensar o atual sistema de formação. É de extrema importância que se repense as ações dos verbos ensinar/aprender, muito mais no que diz respeito à arte da escrita, da literatura. É com este prisma que se (re) pensa aqui a Educação.

Lembrando Paulo Freire, na citação de Linício Lima (2003) em *Formação e Aprendizagem ao longo da vida: Entre a mão direita e a mão esquerda de Miró*,

(...) ensinar não é transmitir conhecimento, mas antes criar possibilidades para a sua própria produção ou construção. Daí, por exemplo, a necessária distinção entre “treino” e “formação”, bem como a problematização dos estatutos e dos papéis de sujeitos e objeto do processo de formação (...). (LIMA, 2003:132).

Seguindo este prisma de que ensinar deva ser muito mais um ato de fazer-se construir, considerando o aluno muito mais atuante do que coadjuvante, parece-nos que há uma (des) aprendizagem ao longo de todo processo do ensino da disciplina de literatura e, conseqüentemente no ensino da leitura das obras consagradas. Pois, se de um lado temos um aluno que interage com seu mundo e traz consigo todo seu contexto histórico-cultural-social, por outro lado temos outro mundo, denominado de sistema escolar, que não propicia que esse indivíduo construa e se forme com a fusão de ambos os mundos, uma vez que a leitura é imposta a seguir todo padrão de um sistema educacional. Padrão este que não visa considerar o gosto do aluno pela sua leitura exercida fora de tal dimensão escolar e para além de não considerar o gosto do aluno, também, não torna as aulas um momento prazeroso e afetivo, no qual o sujeito sinta prazer no ato da leitura e faça com isso uma forma positiva de mudança para o seu mundo e conseqüentemente para o mundo, fazendo das práticas aprendidas em sala de aula uma real engrenagem e aprendizagem ao longo da vida. (ALVES, 2001)².

² No seu artigo titulado *O prazer da leitura*, Rubem Alves faz alusão à metodologia do ensinar a ler de forma prazerosa, na qual compara o ensinamento de formar leitores a uma partitura musical e entre dentro das muitas formas de transformar o ato de leitura em um ato prazeroso cita: “(...) No primeiro momento as delícias do texto se encontram na fala do professor (...) (...) *Todo texto literário é uma partitura musical. As palavras são as notas. Se aquele que lê é um artista, se ele domina a técnica, se ele surfa sobre as palavras, se ele está possuído pelo texto – a beleza acontece. E o texto se apossa do corpo de quem ouve. Mas se aquele que lê não domina a técnica, se ele luta com as palavras, se ele não desliza sobre elas – a leitura não produz prazer: queremos que ela termine logo. Assim, quem ensina a ler, isto é, aquele que lê para que seus alunos tenham prazer no texto, tem de ser um artista. Só deveria ler aquele que está possuído pelo texto que lê (...)*”. (Correio Popular, Caderno C, São Paulo, 19/07/2001).

Poder-nos-iam afirmar que o ensino da literatura não está vinculado à formação de indivíduos, ou mesmo que não há necessidade de se aprimorar a forma metodológica do ensino dessa disciplina, uma vez que sua função e ligação com a educação não está vinculada à formação de leitores e que essa formação cabe às oficinas específicas dentro da disciplina de Língua Portuguesa ou fora dela. Todavia, o problema que nos causa maior impressão, enquanto professor de literatura não é esse. A verdade, constatada em sala de aula, é que a problemática se apresenta quando diante de uma turma entre vinte ou trinta alunos, mais de setenta por cento da turma apresenta aversão à leitura e indo mais a fundo, conseqüentemente, à literatura.

Abrindo um pouco a questão da função da literatura, queremos ressaltar o conjunto que se caracteriza pela soma de três sub-funções fundamentais da literatura, das quais vamos abordar apenas duas. Segundo Antonio Candido (2002), em *A literatura e a formação do homem*, essa caracterização é denominada de humanização, papel esse que para nós é o portal que vai ensejar o encontro do homem consigo, pois bem citando o autor, a primeira função desse conjunto humanizador da literatura, entre muitos dos seus conceitos e funções, está voltada para a ação psicológica da necessidade nata que o homem tem em fantasiar com práticas do seu dia a dia. Práticas exercidas que são consideradas marginais às realidades do ser humano. Entretanto, é por meio dessas práticas vividas como músicas, filmes, mini-séries, fotografias, novelas, livros que englobam os mais diversos temas universais como a guerra, a paz, o amor, os sonhos, entre outros, que o homem cria uma plataforma de entendimento que vai ligá-lo ao mundo e permitir a concretização de seus objetivos. Pois bem lembrando, a leitura/literatura fazem este elo unificador entre a realidade dos sonhos, o mundo fictício, o mundo apenas palpável pela mente sonhadora dum Cervantes transfigurando um Dom Quixote e a realidade da vida real palpável no mundo freado de Sancho Pança estabelecendo equilíbrio entre o que se quer ser e o que tem de ser.

Tendo a literatura que sempre vai buscar na realidade o seu ponto de partida, porque a mesma avança primeiramente sempre de uma realidade para chegar à ficção³, temos a segunda sub-função da literatura, dentro desse conjunto humanizador, que é

³ Quando nos referimos ao momento que parte do real à ficção, devemos levar em consideração de forma simples e mais compreensível, entre muitos aspectos importantes, que quem escreve está inserido em um mundo real. A partir dessa realidade na qual o autor está inserido, ele faz emergir a imaginação na qual é feita a fusão entre o vivido e o imaginado, criando assim a primeira ligação entre a realidade e a ficção. (Becker, 2002). Outra visão estabelecida por Iser, em *O Ficcional e o Imaginário*, lembra-nos que as ficções não só existem enquanto textos ficcionais, mas também desempenham um papel tão fundamental nas atividades do conhecimento, do agir, do comportamento quanto na fundação de instituições, sociedades e visões do mundo". (ISER, 1996:35-36)

denominada formadora, justamente por fazer a fusão da necessidade de fantasiar e a realidade do indivíduo. Logo, como diz o próprio autor Candido (1972), a literatura acaba por ser um meio de educação, dentro da formação do indivíduo, mas não dentro de uma educação comum, com práticas metodológicas afastadas da realidade estudantil.

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial (...) (...) ela age com o impacto da própria vida e educa com ela (...). (...) É um dos meios por onde o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escarmotear-lhe. (op.cit.: 83).

Se pararmos para analisar em que o conceito estrutural filosófico e pedagógico está o embasamento da Literatura Universal, veremos que está compreendido a partir de um determinado grupo de obras que emergem de um determinado contexto histórico-social-cultural para fazer parte, fragmentado em diversos períodos, da Grande Literatura. Logo, o que forma a Grande Literatura, se não os fragmentos da interação de todos, de cada época literária e do seu contexto correspondente?

Seguindo ainda da mesma análise, filosófica e pedagógica, o que representa e significa a composição da escola se não um espaço agregador e de interação? Espaço este que, para além dos homens enquanto *corpus* docentes e discentes com seus contextos, é, também, composto da Literatura Universal que é aprendida na disciplina de Literatura. Disciplina esta que Dominique Julia atribuiu como parte integrante da cultura escolar⁴.

Ora, se a Grande Literatura compõe a escola por ser parte da cultura escolar por meio da disciplina de literatura e via interação e comunicação de seus textos e contextos é uma das formas de linguagem e por meio dessa linguagem estabelece um diálogo com o leitor, criando no indivíduo um ajustamento para com o mundo e por meio desse ajustamento acaba por inserir o aluno via conhecimento de outros mundos, logo, poderíamos pensar que a mesma é autônoma, para além de imaginarmos que ela seja uma ciência por dar um novo prisma para outras áreas, pois a literatura sempre se cumpre quando concretiza o papel de qualificar o leitor atribuindo-lhe virtudes, valores, propósitos de vida nas suas mais amplas dimensões sociais, morais, filosóficas, de

⁴ Segundo como descreve Dominique Julia, “*cultura escolar é um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidade que podem variar segundo épocas*”. “La culture scolaire comme objet historique”, Paedagogica Historica. International journal of the history of education (Suppl. Series, vol. I, coord. A. Nóvoa, M. Depaepe e E. V. Johanningmeier, 1995, pp. 353-382)

formação pedagógica e cultural. Logo, a escola não pode isolar o fato de que quem recebe esta educação literária faz parte de outro contexto-histórico-social e que o mesmo deve ser agregado ao contexto escolar e seus ensinamentos.

Afinal, essas trocas de informações, idéias e culturas, fazem da escola e da literatura uma grande expressão da arte (humana e escrita), tendo capacidades integradoras, em que retoma e atualiza a própria condição existencial de um ser situado, que não conhece o mundo como uma coleção de objetos diante de si, mas como horizonte originário do sentido que se materializa em cada experiência vivida. Sendo assim, é de suma importância que se repense suas técnicas metodológicas, bem como a especialização de um grupo específico para esse ensinamento.

3 Obra marginal, literacia e formação de leitores

Quando refletimos a respeito de não termos leitores ou quando nossa reflexão passa para o abandono escolar, sempre nos vem à mente a idéia que estas perdas estão relacionadas ao fato de que a escola não respeita as diversidades culturais existentes dentro dela, da mesma forma que pretende impor seus valores, via suas metodologias. Muitas críticas são apontadas para os professores que utilizam métodos arcaicos ou acomodados, sem explorarem a própria criatividade na hora de ministrarem em sala de aula e, conseqüentemente, de não aguçarem a curiosidade de seus alunos, para que os mesmos desenvolvam ao longo da vida escolar aprendizagens significativas para suas vidas. Da mesma forma que sabemos que somente apontar para o problema não traz luz à necessidade que se faz presente. Mas, será que este sério fator de transformar a aula de literatura em um momento desmotivador tem a ver com a formação de professores dentro do ensino da literatura ou será que estamos diante de uma geração de jovens totalmente desmotivados? A segunda hipótese parece-nos cair por terra quando percebemos que estes jovens estão ligados ao mundo que os interessa e que, quando incentivados conseguem responder a qualquer estímulo, desde que este estímulo corresponda às suas expectativas de vida e que estas expectativas tenham uma ligação para com a sala de aula. Afinal, não temos como ou não devemos, dentro da educação, querer dissociar o homem do seu próprio mundo.

O que nos parece notório é que as práticas exercidas, em sala de aula pelos professores de literatura, são metodologias que não buscam fazer frente a uma realidade incentivadora à leitura da própria disciplina e por ainda dizer não fazem a ponte entre o

conteúdo e a vida do educando. Logo, uma nova proposta se faz necessária dentro da aplicação metodológica do ensino da disciplina de literatura, com professores preparados para exercerem tais ensinamentos e porque não dizer dentro de todo programa curricular da disciplina de Língua Portuguesa.

Nossa proposta, enquanto investigadores e educadores, parte de primícias dos diálogos estabelecidos entre Vygotsky e Paulo Freire que, apesar do distanciamento de época, fazem emergir reflexões claras à educação, entre as quais podemos extrair palavras chave fundamentais para o desenvolvimento das aprendizagens ao longo da vida, tais como: diálogo, interação, inclusão histórico-cultural e social, liberdade, empirismo e cientificismo.

Sendo a literacia um ato de cidadania por inserir o sujeito no mundo que o rodeia, seja pela *alfabetização* ou pela *nova alfabetização*, imaginamos que este processo parte da soma do todo do indivíduo, e que neste caso seja considerado o ensino a partir o contexto histórico-social e cultural de nosso aluno. E nada mais justo que façamos das obras marginais utilizadas por eles uma literacia como forma de se ensinar a literatura.

Esta fusão de ambos contextos deve ter como prioridade não excluir o que nosso aluno gosta de ler diariamente, mas selecionar esse material e a partir dele aplicar métodos para se chegar às obras literárias. Afinal, sabendo que o que o aluno lê por sua opção, gosto e escolha é o que de início mais se associa ao seu mundo real, mundo este que aos poucos precisa de crescimento e incorporação de muitos outros novos valores, aferidos em texto que possuem tessitura de textualidade literária. Confrontemos junto também a notoriedade de alguns escritores tido à marginalidade do que preconizam os literatos, marcam presença no âmbito de escolhas pessoais de quem escreve e consegue se impor quebrando barreiras, abrindo portas em congressos, em bienais com exposições de livros.

Os espaços, objetos e modos de ler na escola devem avançar, sem dúvida alguma, da formação ou do resgate do leitor a partir das “obras marginais”. Entretanto, a idéia de ter à frente um professor que repassa conteúdos, com objetivos específicos atendendo à demanda mercantilista, neste caso os exames nacionais ou vestibular, é um ato consciente, no mínimo, devastador para a formação do aluno no seu todo, enquanto leitor e, conseqüentemente, para um desgaste maior no ensinamento da disciplina de Literatura.

Inúmeras são as possibilidades de inserção da Literatura Marginal dentro da sala de aula, podemos começar por formar/resgatar leitores, para podermos ensinar a literatura, a partir das obras que nossos alunos gostam de ler, que nos parece a forma mais justa, uma vez que nossos alunos têm gostos, vontades, sonhos, são seres pensantes e acima de tudo críticos. Por fim, a utópica idéia de mudar o mundo por meio da leitura, não pode se concretizar se não começar por um número de participantes. E esse número de participantes deverá ser incentivado a começar no seu espaço, físico e mental, alcançável, numa projeção futura para o mundo e, no mínimo com resultados para seu mundo, que conseqüentemente agirá sobre os demais.

Referências

LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade na sociedade de hiperconsumo. In :*O Ambiente na encruzilhada. Por um futuro sustentável*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2009.

BECK, Ulrich; GUIDENS, Anthony; LASCH, Scott. *Modernização Reflexiva*. Ed. Unesp, São Paulo, 2000.

MORIN, Edgar. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. Ed. Caminho, Lisboa, 2003.

CASTRO, A. M. *Ensino da Literatura e da Libertação*, consultada em janeiro de 2010. UFRJ, Rio de Janeiro.

LIMA, Linício C. Lima. Formação e Aprendizagem ao Longo da Vida: Entre a mão direita e a mão esquerda de Miró. In: *Cruzamentos de Saberes, aprendizagens sustentáveis*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2003.

CANDIDO, Antonio. A Literatura e a formação do homem. In: *Textos de Intervenção*. Coleção Espírito Crítico, Ed. 34, São Paulo, 2002.